

HÁ FRAUDES NO CRISTIANISMO?

(Por Fábio Calza – Setembro / 2008)

Veza por outra, alguém põe a dúvida na mesa: acaso o Cristianismo não seria o produto de uma grande fraude, engendrada deliberadamente por algumas pessoas do primeiro século? Uma ilusão, erigida com o fim de ludibriar os demais?

Bem, em primeiro lugar, tal proposição peca pela falta de uma compreensão do espírito da época. Conforme o professor Justo González frisa em sua obra "Uma História Ilustrada do Cristianismo", os povos antigos encaravam seriamente a questão religiosa. Para eles, os deuses eram entidades fortes e bem reais, a quem temiam muito para poderem brincar tão levianamente. Muito diferente dos tempos atuais, em que divindades e demônios são vistos como superstição.

Os primeiros cristãos não faziam distinções de classe, em suas reuniões. A comunhão era praticada num clima de alegria, como lembrança do triunfo de seu Mestre.

Pessoas, em sua maioria de origem humilde, adoravam num clima de camaradagem, inspirados pelo exemplo de Jesus, que via o Reino de Deus como um grande banquete para todos os povos. De fato, é recorrente nos ensinamentos de Cristo a comparação do Reinado de Deus a uma festa. Por isso, ele era muito criticado pelos fariseus por jantar com pessoas consideradas, na visão legal judaica, como pecadoras ou traidoras da nação. Nota-se isto em textos como Lucas 13:29; 7:34; Atos 2:44-46. Esse modo de proceder do Nazareno foi mantido pelos seus seguidores, a ponto de repartirem seus bens entre si, e estabelecerem o hábito de se reunir no primeiro dia da semana para ceiar. Como se vê, não havia um clima de conspiração, um ambiente fechado e suspeito, mas um movimento que desde o começo primou por destruir as barreiras que segregavam os membros da sociedade judaica.

Além disso, é preciso entender que o Cristianismo não foi obra de uma ou duas pessoas, que se assentaram e resolveram criar algo imaginário para arrebatar fiéis. O mesmo nasceu num contexto de opressão nacional e sofrimento, bem como de esperança na vinda de um libertador.

A conjuntura político-religiosa da Palestina, no primeiro século

Antes de o Cristianismo ser o que é, a realidade social da Palestina era bem complexa. O povo judeu era oprimido duramente tanto pelos poderosos estrangeiros romanos como pela sua própria aristocracia sacerdotal. Segundo estimativa do historiador Richard Horsley, os impostos que a população desfavorecida tinha de pagar a essas classes dominantes podia atingir até 40 % de seus ganhos nas colheitas. Na prática, isso tornava a sobrevivência muito difícil e fazia aumentar o endividamento dos pobres. Era uma situação infernal, e toda a região podia ser comparada a uma panela de pressão. Os judeus estavam divididos em seitas ou grupos que se rivalizavam entre si.

Nesse contexto, o que animava a todos eles era a esperança messiânica de um herói nacional que viria para cumprir as antigas profecias do Velho Testamento e libertar o povo hebreu do jugo romano. Ele instauraria a lei e a justiça na terra, e restauraria a pequena nação a uma posição de honra e prestígio.

Visto por esta ótica, é evidente que Jesus não poderia ser recebido de braços abertos. Ele não encarnava a imagem típica do messias guerreiro nacional. Sua mensagem de paz não poderia ser compreendida pelos fariseus. Esta seita representava o povo comum e se opunha à dos saduceus, a qual vivia encostada à sombra de uma aliança vantajosa com o poder romano. A autoridade suprema espiritual e política dos judeus, o Sumo-Sacerdote do Templo de Jerusalém, geralmente pertencia aos saduceus. Não seria, pois, provável que uma pessoa como Jesus Cristo fosse mera invenção dos discípulos. Não era esse o perfil que se esperaria de um Messias, manso e pregador da justiça e da paz. Obviamente, um personagem criado nestes termos não teria muita

chance - de fato, Jesus morreu crucificado pelos romanos. Assim, dificilmente eles inventariam uma história falsa nas condições que lemos nos Evangelhos, se pesarmos a situação global à luz do seu contexto contemporâneo, pelos critérios da análise histórica.

Mesmo assim, o homem de Nazaré representou um desafio ao poderio sacerdotal na medida em que sua prédica do amor a Deus e ao próximo começou a incorporar elementos integracionistas. As pessoas formariam uma nova comunidade de fiéis, sem separações artificiais em castas. *"Todos vós sois irmãos"*, dizia Jesus. A rígida sociedade de classes da época, com seus muitos clãs e elementos marginais (no sentido de não poderem desfrutar dos benefícios a que um cidadão tem direito), era contestada por Cristo, apoiado em textos da Lei de Moisés. A autoridade dos sacerdotes indiretamente também passou a ser questionada pelos atos de Jesus. Ora, não era do interesse romano e saduceu que a ordem das coisas se alterasse, pois isso poderia representar uma ameaça ao sistema de recolhimento de impostos, o qual era o fundamento da existência do Império, bem como do estilo de vida pomposo dos saduceus. Daí o conseqüente martírio do Nazareno levado a cabo por uma coalizão desses dois poderosos segmentos, para evitar possíveis rebeliões do povo.

A inabilidade dos primeiros seguidores de Jesus, para liderar

Outro motivo porque não é razoável pensar que o Cristianismo é o trabalho de mentes enganadoras é notar que os primeiros líderes dessa fé não eram muito bons na administração do seu "empreendimento".

Um dos fatos notáveis do Cristianismo é que o mesmo não foi estruturado metodicamente nos moldes do moderno sistema de gestão empresarial que hoje se vê no neo-pentecostalismo evangélico, por exemplo.

Os primeiros discípulos de Jesus nunca sistematizaram a fé cristã, como se dissessem: *"Pessoal, vamos planejar nossa empreitada"*.

Naquele começo, a parte da Bíblia conhecida como Novo Testamento não existia. As igrejas em cada cidade eram dirigidas por cartas esporádicas dos apóstolos, notadamente Paulo, quando estes não se faziam presentes. Não se desenvolvera ainda o típico esqueleto hierárquico católico de bispos, arcebispos, papas. De fato, quando lemos os registros referentes a essas origens, bate a impressão de que os apóstolos não sabiam administrar lá muito bem a igreja nascente. Eles ficavam indecisos na hora de tomar decisões, de organizar. Então era preciso recorrer a concílios tumultuados, votações, consultas aos fiéis (como se vê nos capítulos 6 e 15, de Atos dos Apóstolos). Mesmo a prática de se dividir bens entre os fiéis gerava conflitos, como se pode ver no caso de Ananias e Safira. E a inevitável entrada de novos adeptos não-judeus na comunidade cristã sequer foi prevista pelos dirigentes, que não sabiam o que fazer com esses conversos vindos do mundo pagão.

Explica-se: Os líderes da nova seita judaico-messiânica provinham das camadas populares. O Cristianismo começou essencialmente como um movimento humilde, uma vez que o próprio Jesus se misturava com os pobres e marginalizados, escolhendo seus discípulos dentre essa gente. Assim, administração não era o forte dos que receberam o encargo de continuar o trabalho deixado pelo Mestre.

As cartas paulinas e Atos dos Apóstolos dão a perceber que os líderes da primitiva igreja cristã iam aprendendo ao longo do tempo como lidarem com ela. As coisas aconteciam, simplesmente, e depois os apóstolos verificavam os resultados. Foi assim quando da primeira perseguição feita contra os partidários da nova fé (que resultou no martírio de Estevão), e na dispersão desses seguidores pelas vizinhanças, os quais espalhavam a mensagem de Jesus aonde iam, arrebanhando mais discípulos.

Enquanto isso, os dirigentes ficavam inertes diante da situação calamitosa, permanecendo em Jerusalém. Mais tarde tiveram de aceitar os fatos consumados e engolir a presença dos gentios (isto é, os não-judeus), não sem amargas querelas.

Mesmo Paulo, culto e de origem social mais elevada, com freqüência sustentava ácidas discussões com Barnabé, Marcos, Pedro e outros cabeças da igreja. Portanto, nada sugere um conluio armado engenhosamente para enganar, inventando-se uma nova fé. O que se vê é que um grupo de fiéis judeus começou a crer em uma variante do Judaísmo, segundo a qual o Messias era já vindo. Não achavam que tinham inventado uma nova religião.

Tanto é assim que, nesse início, a igreja não se distinguia da sinagoga. O Cristianismo era considerado mais uma vertente do Judaísmo do que propriamente uma crença à parte. Era visto pelos contemporâneos como outra seita judaica. Foi somente depois da destruição de Jerusalém no ano 70 AD, pelos romanos, que a separação entre as duas religiões se tornou mais nítida. A princípio, não houve uma sistematização, um estabelecimento de regras claras, de normas rígidas de conduta. Tudo foi acontecendo muito espontaneamente, como o demonstra o agitado Concílio de Jerusalém, onde foram estabelecidas normas muito simples e gerais para os conversos vindos do paganismo (Ver Atos 15; Gálatas 2).

Essa precariedade organizacional, derivada da condição social modesta dos apóstolos (e sua conseqüente falta de habilidade em comandar), depõe contra a idéia de fraude proposital. Historicamente, o Cristianismo nasceu como um genuíno movimento de raízes populares. Só mais tarde, na era medieval, ele foi tomado de assalto pela política clerical e transformado em um peso para as classes oprimidas.

Conclusão

É claro que nem tudo o que está nos textos bíblicos deve ser entendido literalmente, como se os evangelhos fossem modernos compêndios biográficos. A arte de fazer História, à época, não seguia os padrões atuais de investigação do passado. Além disso, de acordo com o costume oriental, era comum um relato conter repetições, parábolas ou intrincados raciocínios em círculos. É o que vemos no evangelho de João. O livro não segue o padrão grego da narrativa linear, cronológica, fatural, a qual influenciaria de vez a historiografia ocidental. João é um texto escrito tranquilamente, em forma de meditação, rico em significados. Ou seja, muito diferente do que se esperaria de um relato histórico.

Como os demais evangelhos canônicos, João é sujeito à interpretação, devido ao caráter de proclamação de que estava imbuído: a missão primária dos evangelhos é mostrar a Jesus como o Filho de Deus em quem a humanidade encontra a redenção (e não meramente saciar a curiosidade objetiva de um investigador de nossos dias). Certamente que a igreja primitiva entremeou os trechos puramente históricos da vida de Cristo com interpretações teológicas particulares, conforme a sua visão espiritual. Mas não se pode inferir que, propositalmente, descreia do que contava. Ao contrário, esses primeiros discípulos nutriam uma confiança profunda na veracidade das tradições referentes a Jesus, e posteriormente as registraram no Novo Testamento como um legado de sua crença.

Fabio Calza é um estudioso das origens cristãs e do Jesus Histórico. É repórter da Revista Eclésia e colaborador do site Bíblia World Net. Também é editor da Revista Sacred Sound. Para se comunicar com o autor, envie um e-mail para: revistasacred@yahoo.com.br

Este material pertence ao site da Revista Sacred Sound
www.sacredsound.com.br

Direitos reservados - A reprodução deste artigo é permitida, desde que citada a fonte.